ALMEIDA, Nemésio Dario Vieira de; LIMA, Ana Karina B. de; ALBUQUERQUE, Consuelo M.; ANTUNES, Luciana. **AS RELAÇÕES DE GÊNERO E AS PERCEPÇÕES DOS/DAS MOTORISTAS NO ÂMBITO DO SISTEMA DE TRÂNSITO**.

O artigo inicia-se com a definição de sexo e gênero segundo Strey (1994) e Scott (1995). No caso do primeiro conceito, refere-se ao aspecto biológico e anatômico, no caso do segundo, a uma construção historico-cultural. Logo, sendo diferente e tema em voga nas importantes discussões que permeiam os círculos acadêmicos e particulares, um entendimento das premissas facilita o entendimento consequente da pesquisa. Polemico, importante socialmente, ou questão de justiça social, transcende a mera objetividade sociológica de um campo macro e é refletida no micro, que neste caso, é o trânsito.

Seguindo o CFP (2000), é necessário um debate entorno do tema “fenômeno trânsito” e uma participação mais ativa do psicólogo na área. Como a pesquisa tem foco no Estado de Pernambuco, nota-se que dos 890.415 motoristas habilitados, 184.850 motoristas são mulheres, ou seja, 20,76% (DETRAN-PE, 2002). Logo, selecionou-se 84 sujeitos devidamente habilitados, 50% feminino, 50% masculino, entre os 18 e 60 anos da ciadade capital de Recife. Destes, 72 responderam um questionário e o restante, entrevistas, todas com foco em duas perguntas gerais: Qual a sua percepção do homem motorista? E; Qual a sua percepção da mulher motorista?

Sendo, no questionário, respostas abertas, temos os seguintes interessantes dados: ‘Considero o homem motorista”: 19 responderam imprudentes, apenas 3 péssimos e agressivos ou autossuficientes, valores do homem-tipo da construção machista da nossa sociedade, apenas 5 cada um; para “Considero a mulher motorista”:. 11 responderam prudente, 6 inseguras e igual ao homem apena 3.; “Enquanto mulher motorista eu sou”: prudente 10, ou seja, provavelmente as mesmas que generalizaram tal opinião, 4 inseguras; de forma chamativa para “Enquanto homem motorista eu sou”: 12 responderam imprudentes ao mesmo tempo que 9 responderam prudentes.

Claro que muitos destes resultados são influenciados pelos movimentos de reflexão de índole feminista, sendo de valorização da mulher e conquista de novos

espaços de atuação e voz. O próprio veículo automotor é uma imagem simbólica de dominância e virilidade masculina, como bem salientam os autores quando descrevem a propaganda-tipo para a venda dos mesmos. A mulher que até ontem dependia do marido para se locomover, hoje tem a oportunidade de desenvolver maior autonomia e direta liberdade.

Mas as respostas não necessariamente devem refletir o pensamento sincero dos entrevistados. Nas não raras contradições relatadas, percebe-se que no Brasil existe ainda um machismo estrutural e de estratificação. As próprias características para definição de um ou outro sexo, são exemplo disso, quando se associa a mulher atenção, sensibilidade, prudência, como se descrevera-se a mãe idealizada; e no caso do homem, o sujeito ativo, briguento e ao mesmo tempo, arrogante, viril e autossuficiente.

Por mais que nossa constituição no inciso I do artigo 5, defina "Homens e Mulheres são iguais em direitos e obrigações", os autores ressaltam que no momento da escrita do artigo, recém, no século XXI, "a Câmara dos Deputados aprovou o novo texto do Código Civil, que acaba com a possibilidade de anulação do casamento por perda da virgindade da mulher antes do matrimônio." As leis acompanham a realidade, mas normalmente somente depois de um período em que permanecem conservadoras e carentes de eficácia.

No entanto, por mais natural que seja a mudança no processo histórico da evolução da sociedade. Alguns tendem a ser mais sensíveis que outros, quando, especialmente, tal naturalidade é reiterada como um atentado constante a supostos privilégios e dogmas. As discussões grandiloquentes estão atrasadas como as leis quanto ao processo que se dá na realidade. No campo dos "achismos", a tendência é criar um pânico sensacionalista que responde a interesses aquéns dos expressados. Logo, não é raro ler, escutar ou presenciar, a deterioração psíquica masculina na sua relação com os valores que define como ápices éticos e morais, mas na verdade não passam de projeções de suas inseguranças e fraquezas, falta de garantias, coincidentemente, de sua ética e moral. Nos tempos atuais não precisa-se de muita reflexão e introspecção do ser humano, para intuir o dito, apenas o bom-senso e

análise minimamente imparcial. Dois elementos em si, bem em falta na nossa sociedade que refletem-se, desde já, em figuras políticas e de suposta liderança.

Para usar dados ilustrativos do Detran (2002), em 1999, dos 5.223 acidentes fatais ocorridos nas capitais brasileiras, 4.250 foram com homens*: "(...) O homem só se dá conta do perigo quando sofre um acidente, o que leva a refletir sobre a importância de ser prudente no trânsito (...). Todo motorista homem, exceto raros, tem a convicção de que só ele é o certo, e que sempre está com a razão (...)".* Citando o pensamento do filósofo francês Foucault (1985, p.79) no texto,

> *Por outro lado, se a dominação masculina se* impôs pelo poder, somos levados a pensar não numa masculinidade (evidente, baseada na diferença biológica), mas em masculinidades que, para serem entendidas, devem levar em conta "os contextos e os critérios segundo os quais os homens são diferenciados uns dos outros".

Obviamente a discussão é mais profunda e os dados levantados são apenas expositivos e provocativos. Por sua vez, a ignorância e os pré-conceitos são uma realidade fora de qualquer dúvida. Reiteramos que os "achismos" são presentes, e nas considerações finais os autores sintetizam perfeitamente o resultado da pesquisa, "eles, *os homens*, têm ideias que coincidem com as delas, mas, no geral, não sabem os motivos de as mulheres encararem de uma outra forma o comportamento no trânsito".